



# O cuidado na anorexia nervosa

**Jordy Sartori Tamura\***

Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo  
jordytamura@yahoo.com.br

**Natasha Takuno Hespanhol\*\***

Universidade de São Paulo  
natasha.takuno@gmail.com

Recebido em: 23/05/2023  
Aceito em: 25/06/2024

\* Graduado em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (2020), mestre em Ciências da Saúde pela Faculdade de Ciências Médicas da Santa Casa de São Paulo (FCMSC-SP) e especialista em Psicologia Fenomenológico-Hermenêutica pelo Instituto Dasein (2022).

\*\* Psicóloga formada pela Universidade de São Paulo. Possui conhecimentos nas áreas de psicologia clínica, psicologia hospitalar, psicologia na atenção básica de saúde, orientação profissional, atendimento a pacientes em luto, atendimento a crianças com transtorno do espectro autista e educação interprofissional em saúde.

## RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar a anorexia em meninas adolescentes à luz da noção de cuidado (*Sorge*), conforme pensada em *Ser e Tempo*. Para Heidegger, o cuidado se refere a responsabilidade inalienável de sermos quem somos e vivermos o que vivemos. Durante a transição para a adolescência, a dimensão do cuidado torna-se cada vez mais evidente: enquanto crianças, espera-se que os adultos guiem as escolhas das crianças; à medida que crescem, espera-se que se tornem progressivamente mais independentes. Para adolescentes mulheres, uma série de transformações corporais, como o aumento dos seios e do quadril e o início da menstruação, introduz mudanças que são estranhas ao mundo infantil. Essas transformações podem resultar em um estranhamento em relação ao próprio corpo. Como lidar com as responsabilidades inalienáveis em relação a um corpo em transformação que se torna estranho? Na anorexia nervosa, observa-se uma hipervigilância em relação ao próprio corpo, com a identificação de possíveis ganhos de peso e partes do corpo com maior volume, levando a uma dieta restritiva com a finalidade de emagrecimento. A constituição do cuidado, nesse caso, ocorre através de uma prática auto lesiva.

**Palavras-chave:** anorexia nervosa; adolescência; cuidado; corpo vivo;

## RESUMO

The aim of this paper is to investigate anorexia in adolescent girls in light of the notion of care (*Sorge*), as conceived in *Being and Time*. For Heidegger, care refers to the inalienable responsibility of being who we are and living the life we live. During the transition to adolescence, the dimension of care becomes increasingly evident: as children, it is expected that adults guide their choices; as they grow, they are expected to become progressively more independent. For adolescent girls, a series of bodily transformations, such as the growth of breasts and hips and the onset of menstruation, introduce changes that are unfamiliar to the child's world. These transformations can result in a sense of estrangement from one's own body. How does one manage the inalienable responsibilities toward a body in transformation that becomes unfamiliar? In anorexia nervosa, one observes hypervigilance toward the body, with attention to possible weight gain and body parts that increase in size, leading to restrictive dieting aimed at weight loss. In this case, the constitution of care occurs through a self-harming practice.

**Keywords:** anorexia nervosa; adolescence; care; living body;



O objetivo do presente artigo é descrever fenomenologicamente como o cuidado (*Sorge*) se constitui na experiência da anorexia nervosa. O texto é dividido em seis partes: 1) na primeira, realiza-se uma breve descrição da categoria nosológica anorexia nervosa no DSM-V e dos fatores determinantes para sua constituição identificados em pesquisas empíricas; 2) em seguida, apresenta-se a noção de cuidado (*Sorge*), conforme exposta em *Ser e Tempo*; 3) realiza-se considerações sobre a adolescência e de que modo o cuidado se constitui nesse período; 4) expõe-se a distinção entre *Leib* e *Körper* e descreve-se fenomenologicamente a dimensão da corporeidade na anorexia nervosa, onde se reconhece uma alienação do *Leib*; 5) argumenta-se que a anorexia nervosa é uma expressão das dificuldades que caracterizam a transição para a vida adulta em mulheres, considerando as transformações corporais características; 6) por fim, descreve-se como o cuidado se constitui na anorexia nervosa, à luz das cinco subseções anteriores.

### 1. Anorexia nervosa

O espectro dos transtornos alimentares é compreendido no DSM-5 como um padrão inadequado de alimentação que resulta em comprometimento da saúde física e do “funcionamento psicossocial” (American Psychiatric Association, 2014, p. 329). Muitas das categorias diagnósticas dentro desse espectro são mutuamente excludentes, incluindo a anorexia nervosa. Para o diagnóstico desse transtorno, são indicados três critérios: 1) peso abaixo do esperado, o que requer cautela, uma vez que a faixa de peso normal pode variar de pessoa para pessoa, ainda mais durante a adolescência devido às transformações próprias da puberdade; 2) medo intenso de ganhar peso, que muitas vezes pode não ser comunicado pelo adolescente, exigindo a consulta a terceiros próximos ao indivíduo; e 3) perturbação na forma como o corpo é experienciado, o que pode envolver uma avaliação constante do peso na balança e da aparência do corpo no espelho, bem como a percepção de que certas partes do corpo estão gordas (idem). No DSM-IV, outro critério diagnóstico era a interrupção da menstruação, o que obviamente não se aplicaria a homens e meninas que ainda não a tiveram.

A relação com a família é considerada um fator decisivo para compreender a origem do transtorno, bem como possíveis tratamentos, uma vez que são observados vínculos problemáticos com os pais em casos de anorexia (Oliveira et al., 2008; Vega et al., 2011; Gonzalez-Macias et al., 2013). Por exemplo, em uma amostra de 83 mulheres com idades entre 12 e 18 anos, foi constatada uma alta correlação entre vínculos patológicos com a mãe em mulheres com transtornos alimentares, enquanto entre aquelas sem TA, a taxa de vínculos problemáticos foi consideravelmente menor (Vega et al., 2011).

Da mesma forma, os padrões de beleza estabelecidos no Ocidente também devem ser



considerados para compreender o quadro. A hipótese de que há uma maior prevalência de anorexia nervosa em países ricos e industrializados, devido à maior visibilidade do padrão de beleza magro nessas culturas, é contestada por Saucedo-Molina e Unikel Santocini (2010). Em uma amostra de 845 estudantes do estado de Hidalgo, México, eles observaram a “interiorização” de um padrão de beleza magro e sua relação com comportamentos característicos de transtornos alimentares. Considerando que a pressão exercida por esses padrões de beleza tem um impacto mais intenso nas mulheres, é observada uma taxa significativamente maior de mulheres com anorexia do que homens.

## 2. Cuidado (Sorge)

No parágrafo 29, Heidegger (2012/1929, p. 383-398) aborda a chamada disposição (*Befindlichkeit*). Para o autor, não se deve entender aquilo que usualmente é chamado de afetos enquanto algo oposto à racionalidade, mas como um elemento intrínseco a ela, uma vez que em todo entendimento está implícito uma tonalidade afetiva (*Stimmung*) específica. Quando estou triste, as coisas podem parecer mais “embotadas”; em um filme de terror, posso ficar apreensivo ao ver um telefone tocar. Mesmo naquilo que poderíamos entender como uma vivência sem afetos, como o beber um copo d’água, também há uma tonalidade afetiva em jogo, afinal, essa “indiferença” não deve ser entendida como ausência de afeto, mas como um modo específico deste se manifestar. Em outras palavras, é impossível compreensão sem tonalidade afetiva.

Na medida em que há uma reflexão a respeito da natureza de nosso ser-no-mundo, é possível emergir uma crise existencial. Afinal, assim como a noção de *Befindlichkeit* indica, essa reflexão não se dá através de uma reflexão apática puramente teórica, mas nos mobiliza afetivamente. Quem nunca pensou a respeito de quem somos nós e para que vivemos? Pensar a respeito desse assunto implica em afetos diferentes dos envolvidos em resolver um problema matemático ou fazer as compras no supermercado (ainda que uma crise de ordem existencial possa ser desencadeada por essas situações).

Aquilo que Heidegger (idem, p. 515-534) chama de angústia (*Angst*), entendendo-a como a tonalidade afetiva fundamental, é o “afeto” característico de reflexões dessa natureza. A escolha pode explicitar a impossibilidade de se pensar a existência humana como previamente determinada, uma vez que tudo aquilo que se manifesta no campo fenomênico diz respeito a meu ser-no-mundo. Em nossa vida cotidiana, não costumamos e nem é necessário fazer uma reflexão explícita a respeito de quem somos. Há um conto de Clarice Lispector (2000, p. 212-219) bastante elucidativo a respeito desse tema; no início de *Amor*, descreve-se a vida de uma dona de casa:

Sua precaução reduzia-se a tomar cuidado na hora perigosa da tarde, quando a



casa estava vazia sem precisar mais dela, o sol alto, cada membro da família distribuído nas suas funções. Olhando os móveis limpos, seu coração se apertava um pouco em espanto. Mas na sua vida não havia lugar para que sentisse ternura pelo seu espanto - ela o abafava com a mesma habilidade que as lides em casa lhe haviam transmitido.

Poderíamos nos perguntar, qual a necessidade da referida precaução? Ao descrever a tonalidade afetiva da angústia, Heidegger (2012/1927, p. 387-391) descreve que nosso modo de relação com ela é através da fuga. Fugimos dela justamente pelo seu potencial desestabilizador ao colocar em evidência o caráter indeterminado da existência humana e nossa condição frente a ela; tal fuga se dá através da absorção no cotidiano, da chamada fuga no impessoal. A protagonista não conseguiria realizar suas tarefas domésticas caso fizesse uma reflexão dessa natureza e fosse tomada pela angústia (que é o que acontece posteriormente no conto); na verdade, suas atividades cotidianas são um modo de se realizar a referida fuga, na medida em que se impede que tal reflexão venha à tona.

A precaução implica em antecipar-se diante de algo que está por vir e que é potencialmente desestabilizador: no caso, a angústia. Um adequado entendimento da noção de fuga implica a consideração de sua dimensão temporal, pois a angústia abre o ser-aí para uma reflexão sobre nossa finitude (ser-para-morte) e a inalienável responsabilidade frente àquilo que está por vir (cuidado); do mesmo modo, torna-se explícito ao ser-aí sua condição factual enquanto existente: não decidi ser um existente aberto à própria finitude e que não pode se alienar da responsabilidade de ter-de-ser, pois me encontro na condição de jogado (*Geworfenheit*) (Heidegger, 2012/1929, p. 387) a essas possibilidades.

No caso da passagem acima, a protagonista é aquela que está aberta a diferentes possibilidades futuras, por exemplo, continuar a realizar atividades domésticas dia após dia; contudo, essas possibilidades futuras são possíveis apenas em função de condições factuais passadas, no caso, uma série de circunstâncias que a tornaram dona de casa. A crise existencial, que ela evita, pode implicar na constatação de que ela é aberta a indeterminadas possibilidades além de ser dona de casa, o que inclui a possibilidade de seu próprio fim, e que ela se encontra na condição de jogada a essas possibilidades constituídas de antemão. Cabe apenas a ela lidar com sua condição existencial, o que fica explícito na angústia; trata-se de uma responsabilidade intransferível. Na cotidianidade, onde a angústia é impedida de se manifestar, há um encobrimento de nossa finitude e de nossa responsabilidade frente a ela.

Heidegger admite a possibilidade de outras tonalidades afetivas, além da angústia, que cumprem o papel de explicitação de nossa condição existencial, como o tédio profundo. Alice Holzhey-Kunz (2021), por sua vez, identifica uma série de outras tonalidades



afetivas que cumprem esse papel, como culpa, vergonha, nojo, inveja, dentre outras. Robson Ramos dos Reis denomina a interrupção da habitualidade da ação e dos comportamentos intencionais de “fenômenos disruptivos” (2022, p. 23), identificando a experiência do adoecimento como uma das ocasiões que a promove.

Em Husserl (2019, p. 89-90), as sínteses referentes ao pólo do eu (*Ichpol*) dizem respeito ao “eu” idêntico que está patente em toda vivência, ainda que esse “eu” não seja descrito enquanto substância pensante. De acordo com Stephan Käuser (2013, p. 338-359), há também um “self” implícito na estrutura do cuidado heideggeriano.

Heidegger (2012/1929, p. 515-534) chama atenção para mobilização existencial tornada possível pela reflexão a respeito de nossa condição enquanto ser-no-mundo e que coloca em primeiro plano que aquilo vivenciado no interior do campo fenomênico não se manifesta de forma anônima, mas sou aquele que o vivencia e não posso me alienar disso. Uma vez que é impossível ao outro um acesso originário à minha experiência, não é possível delegar a responsabilidade de minha existência a outrem. Nesse sentido, o cuidado é uma estrutura a priori do *Dasein*:

O cuidado [*Sorge*], como totalidade-estrutural-originária, reside existencialmente *a priori* “antes”, isto é, já sempre *em* cada “comportamento” factual e “situação” do *Dasein*. (...) Por isso também malogra a tentativa de reduzir o fenômeno do cuidado [*Sorge*], essencialmente indivisível em sua totalidade, a certos atos e tendências particulares, como vontade e desejo ou impulso e inclinação de reconstruí-lo a partir disso. (Heidegger, 2012/1929, p. 541, tradução modificada)

Na passagem acima, Heidegger afirma que o cuidado não deve ser pensado como algo que caracteriza condutas específicas, enquanto outras não: enquanto existencial, cuidado estrutura o campo de sentido, de modo que não é possível pensar um momento em que ele não esteja presente.

O caráter de cuidado do ser-no-mundo não implica em culpabilizar o *Dasein* por eventos indesejados que ocorrem em sua existência. Não se deve atribuir o insucesso em emagrecer à falta de vontade da menina e ignorar aspectos que estão para além de seu controle, como seu biotipo corporal. Heidegger não desconsidera o contexto em que determinado fenômeno ocorre, nem o considera como algo totalmente manipulável pelo referido *Dasein*. Há um horizonte determinado previamente no qual nossa existência acontece, no qual estamos na condição de jogados; sou jogado em um mundo em que falo português, tenho determinados pais, sou de determinada classe social e tenho determinado corpo. O que Heidegger destaca, é que minha experiência de frustração no não emagrecimento é intransferível, mas não que teria controle sobre isso e que fracasso em o exercer.



### 3) O cuidado na adolescência: a passagem para a vida adulta

No romance “Cancún” de Miguel del Castillo (2019), narra-se um adolescente de 12 anos que volta de Cancún com seu pai e é deixado no condomínio onde mora com a mãe. Ela pergunta ao filho sobre os machucados do pai e ele responde que ouviu alguém falar que foi por causa de um sequestro, sem perceber a gravidade da situação. Quando a mãe explica ao filho o que é um sequestro e por que é grave, surge nele um senso de tragédia. Em outra passagem, no colégio, colegas o chamam para se esconderem atrás de uma passagem e colocar o pé para outros tropeçarem. Nessa brincadeira, o protagonista faz uma colega ir ao hospital, o que aumenta nele esse senso de tragédia e gera grande sofrimento.

Passa o restante do dia quieto, responde monossilábico e com voz tremula a tudo que Anderson, Romilda e a mãe perguntam. Aquele senso de tragédia iminente volta com força, e ainda pior: não só algo de ruim poderia acontecer a ele sem aviso, como qualquer ação sua, por mais impensada que fosse, poderia ter consequências terríveis na vida de outras pessoas. E se tivesse escolhido trocar figurinhas em vez de participar do pique-pega? A ideia de que pode fazer escolhas erradas também o assusta. Nunca havia pensado nisso, ou pelo menos não dessa forma

Encolhe-se de tarde na cama, mas não dorme. A pele arde, como se estivesse com febre. Põe a mão no pescoço e sente a palpitação forte do coração bombeando sangue, como aprendera no ano anterior na aula de biologia.

Decide que não irá à aula amanhã. Porém, como não conta nada do ocorrido para a mãe, ela não lhe permite faltar (idem, p. 22-23).

Ainda que a passagem acima não trate do fenômeno da anorexia nervosa, ela ilustra uma experiência comum à adolescência. Não perceber a gravidade do sequestro do pai é um modo possível de o cuidado se manifestar, não é como se esse existencial estivesse ausente e surgisse em determinado momento da vida da pessoa; no entanto, nesse caso, ele está implícito, encoberto. Ao perceber a gravidade do sequestro e da queda da amiga, o senso de responsabilidade se manifesta de maneira explícita: na passagem acima, a partir de um senso de tragédia.

A inocência ao não perceber a gravidade das situações narradas é algo comum à vida infantil. Inclusive, muitos pais evitam falar desses assuntos com filhos pequenos. Nossa cultura estabelece referenciais específicos constituídos historicamente sobre a vida infantil, de modo a desresponsabilizar as crianças por uma série de ações (Ariès, 1986). No entanto, não é como se o cuidado estivesse ausente na existência da criança; o que ocorre



é que, em muitas ocasiões, ele está encoberto. Em muitos momentos da existência, mesmo na infância, o cuidado pode se tornar explícito, na medida em que há uma ruptura com a vida cotidiana, por exemplo, através da angústia. A experiência do Complexo de Édipo e da correspondente castração descrita por Freud é um exemplo dessa ruptura; do mesmo modo, a experiência do câncer infantil analisada por Robson Ramos dos Reis (2022).

Na passagem acima, a ruptura com o cotidiano é evidente: há um senso de tragédia iminente e potencialmente causado por suas ações. Por mais exagerado que possam parecer as consequências imaginadas das ações realizadas, elas revelam o caráter de indeterminação do que está por vir, ou seja, não é impossível que consequências trágicas de fato ocorram e, de repente, isso fica assustadoramente evidente na vida do protagonista com o início da adolescência.

A passagem para a vida adulta traz consigo expectativas diferentes em relação a como nos responsabilizamos. Embora seja impossível nos alienarmos da dimensão do cuidado que caracteriza nossa existência, é possível o encobrirmos. Na existência infantil e em nossa cultura, há um modo específico de realizar esse encobrimento. Espera-se que haja um adulto que se responsabilize por sua alimentação, moradia, bem-estar, se pode sair com os amigos ou não, etc. Isso não os aliena de ser “ter que ser”, pois ainda são aquelas que são tuteladas. Mas espera-se que as crianças não trabalhem para pagar as contas, mesmo que o trabalho infantil seja mais comum do que deveria, ou que decidam ir ao médico ou não. Além disso, quando cometemos uma ação que possa não agradar alguém, é possível que os adultos ignorem esse aborrecimento por se tratar de uma criança. Conforme crescemos, o modo de lidar com as responsabilidades muda e deixa de ser tão simples.

Simultaneamente a isso, a relação com os responsáveis muda. Se na infância, a figuras paternas são a principal fonte de segurança material e emocional, conforme cresce, conhece-se novas pessoas, tornando possíveis novas referências de segurança e concentrando-as menos nos pais. A capacidade de fazer novos vínculos interpessoais é um fator determinante para a promoção da saúde mental. Em amostra de 83 adolescentes mulheres, pôde-se observar em garotas com e sem transtornos alimentares a tendência em reproduzir com os amigos os vínculos estabelecidos com os pais, sejam eles problemáticos ou não (Vega et al, 2011). Com o surgimento de novos vínculos em uma nova fase da vida e o afastamento gradativo do pais, novos desafios vêm à tona.

#### 4. Anorexia enquanto alienação do corpo vivo (*Leib*)

A tradição fenomenológica tem um modo específico de pensar o corpo humano, dando origem à distinção entre *Leib e Körper*. Embora ela não negue os aspectos materiais que caracterizam o organismo humano e que são passíveis de serem estudados pelas ciências naturais, ela dá destaque ao corpo enquanto elemento tácito e a priori do ser-no-mundo.



Entende-se por *Leib* o corpo como condição de possibilidade que permanece no plano de fundo de nossa compreensão, enquanto *Körper* refere-se ao corpo enquanto possível correlato intencional da consciência e passível de ser investigado pela anatomia.

Para ilustrar essa distinção, fazemos menção ao seguinte exemplo: ao realizar uma viagem de carro como motorista, há uma série de movimentos corporais que tornam possível a condução: é necessária uma pressão determinada no volante, minha cabeça fica em determinada posição para que haja um campo de visão a partir do qual orientarei a condução, sento-me de determinado modo para ficar confortável e suportar algumas horas de viagem e assim por diante. É possível descrever indefinidamente os aspectos corporais envolvidos no ato de dirigir. No entanto, não é necessário que eu tenha uma atenção deliberada a cada um desses aspectos, a direção costuma ser realizada sem uma reflexão explícita sobre “qual a posição que a cabeça deve ficar para um campo de visão adequado?”. No entanto, sem essa disposição corporal, é impossível o ato de direção: sei que não é possível dirigir com a cabeça próxima aos pedais, pois não terei acesso a um campo de visão adequado e não é uma posição confortável para ficar durante horas.

“Este corpo que movo, com o qual percebo, pelo qual me exprimo; esta carne [Leib] serve de pólo de referência a todos os corpos (Körper)” (Ricoeur, 2004, p. 250). Identifico diferentes corpos através da percepção, do mesmo modo que reconheço os braços, pernas e olhos enquanto meus. Ao dirigir, vejo diversos outros veículos com outros motoristas a partir de meu ponto de vista espacialmente situado, do mesmo modo que reconheço a mão no volante como meu. Está implícito na textura do volante o toque de minha mão; do mesmo modo, meu campo de visão se altera conforme me movimento com o carro, o que permite perceber outras partes da estrada. O corpo que sou está no pano de fundo de minha abertura ao mundo.

Não é necessária uma reflexão explícita a respeito do *Leib* para realizar cada ação: não preciso prestar atenção na forma dos meus olhos ao ler um livro ou no volume de minha mão ao tocá-lo. No entanto, ao nos olharmos no espelho, podemos reparar nessas características; do mesmo modo, para o oftalmologista e o ortopedista, a forma do olho e o volume da mão podem ser dados relevantes em sua prática profissional.

A distinção entre *Leib* e *Körper* é decisiva para a investigação do fenômeno da anorexia. Nela, aquilo que estava no plano de fundo fica em primeiro plano. Quando um músico presta excessiva atenção em seus dedos, pode cometer um erro, do mesmo modo que uma pessoa que sobre escada pode tropeçar ao observar demais os próprios passos (Fuchs, 2022, p. 100). No caso da anorexia, aspectos materiais que indicam sobrepeso e a possibilidade de engordar tornam-se alvo de preocupação:

“Eu, sempre fui assim, com esse corpo, mas quando eu me vejo, eu vejo que está



uma coisa em excesso em mim. Nesses dois anos para cá comecei a me ver assim. A maioria das pessoas diz que não vê. Mas sou eu mesma, eu me olho no espelho e acho que tem alguns lugares que têm muita coisa, por mais que não pareça, mas para mim tem” (CUNHA e DUTRA, p. 187)

“Eu ia sair com meus amigos, na época de cursinho, eu não sentava. Porque era aquela coisa, não podia dobrar a barriga. Quando eu ia para aula, era sempre com blusa muito folgada, para esconder” (idem, p. 191)

As passagens acima são relatos de duas entrevistadas, cujos nomes fictícios são Lia e Tris, respectivamente. Nelas, aspectos do corpo que poderiam passar despercebidos, dado seu caráter implícito, tornam-se tema de preocupação, no caso, lugares do corpo que “têm muita coisa” e a dobra da barriga ao sentar. É também comum que a quantidade de calorias que se come e o gasto calórico de cada exercício físico se tornem tema de reflexão excessiva:

“Eu tinha uma meta diária de perder 300 gramas. Quando não alcançava, me punia me exercitando em excesso. Durante o dia, eu jogava handebol, andava de bicicleta, caminhava umas quatro horas entre ir e voltar da escola, do cursinho ou fazer alguma coisa que exigisse meu deslocamento e o gasto de energia. Antes de dormir, eu fazia 600 abdominais de uma vez sem parar, salto com joelho e 50 polichinelos” (UNIVERSA UOL, 2018).

Aspectos da dimensão implícita de nossa corporeidade são alterados na anorexia nervosa. Nas passagens dos romances de Clarice Lispector e de Miguel Del Castillo, não há menção a partes do corpo com excesso de gordura, como a dobra da barriga ou o gasto calórico das atividades realizadas; não que esses aspectos da corporeidade estivessem ausentes na vida dos personagens, mas a preocupação deles é outra, de modo que esses aspectos ficam implícitos. Do mesmo modo, enquanto escrevo, não me preocupo com o gasto calórico ao digitar ou com a dobra de minha barriga; caso me preocupasse com isso, meu processo de escrita seria prejudicado. Na anorexia nervosa, aquilo que é da ordem do *Leib* torna-se algo da ordem do *Körper*.

## 5. A passagem para a vida adulta em mulheres

A alienação do corpo vivo que ocorre na anorexia nervosa deve ser compreendida em relação a uma etapa da vida da mulher. Como apontado acima, a dimensão do cuidado se conforma de uma maneira específica na adolescência, dado o modo como a passagem



para a vida adulta é constituída em nossa cultura. No caso da adolescência feminina, há uma série de especificidades que nos ajudam a entender o fenômeno da anorexia nervosa.

Além dos referenciais que caracterizam a vida adulta, existem também aqueles que caracterizam a vida de uma mulher adulta e que implicam um modo correspondente de cuidado. Essa nova rede de referências que caracteriza a vida de uma pessoa, ao deixar de ser criança, pode causar certo estranhamento, inclusive em relação ao próprio corpo.

Os padrões de beleza produzidos no Ocidente podem orientar a manipulação estética do corpo na anorexia, de modo que muitos trabalhos acadêmicos destacam esse fator (Saucedo-Molina & Santocini, 2010; Lima & Rosa, 2012; Refosco & Macedo, 2010). Uma interpretação possível da anorexia é que há uma preocupação demasiada em mimetizar determinado padrão de beleza referentes às mulheres adultas, visando mudar o próprio corpo através dos comportamentos característicos do transtorno alimentar. Nesse sentido, a anorexia ressoa com as normas culturais, mas o ideal de beleza se torna tão exagerado ao ponto de se tornar uma doença (Svenaeus, 2013). Em outras palavras, haveria uma alienação da *Leib*, em função de uma manipulação estética da *Körper*.

No entanto, deve-se tomar cuidado ao atribuir à anorexia *apenas* uma tentativa compulsória de estar de acordo com um determinado padrão de beleza. O corpo de muitas meninas torna-se tão magro ao ponto de deixar os ossos visíveis, o que não corresponde aos padrões de beleza ocidentais, mesmo se idealizando um corpo magro.

As mudanças corporais da puberdade visíveis nas meninas são determinantes para uma adequada compreensão do fenômeno da anorexia. Neste período há o surgimento das mamas, o aumento do quadril e das coxas, de modo a tornar visíveis as “curvas”, conferindo um aspecto mais adulto e passível de sexualização; com isso, abre-se a possibilidade do uso de sutiãs e roupas com tamanhos diferentes, o que pode ser uma forma de vestimenta à qual ela não está acostumada. Há também o início da menstruação e o surgimento de desejos sexuais: como lidar com o prazer que passa a ser sentido em determinadas partes do corpo e que se desperta na presença de outra pessoa? Essas mudanças implicam temas estranhos ao mundo infantil:

“Tudo começou, eu não digo cronologicamente, mas se eu fosse organizar na minha cabeça, eu acho que tudo começou quando eu tinha uns 12 anos, eu estava na sexta série e eu me desenvolvi muito depois das minhas amigas. Se você olhar em fotos, é bem interessante porque é todo mundo “pá, pá, pá” [e faz gestos que indicam volume de corpo: seios, bumbum, pernas] e eu bem com corpinho de criança; não tinha peito, era muito magrelinha, muito. (...). Aí o que é que aconteceu? Eu também fui a última a menstruar, então eram os sinais da adolescência chegando para todo mundo, menos para mim” (CUNHA e DUTRA, p. 189)



Na adolescência, eu tinha um corpo esbelto. Minhas amigas elogiavam minhas pernas, falavam que eram grossas, mas eu entendia que isso era ser gorda. Eu queria ter as pernas finas iguais as delas. Achava que para ser bonita tinha que ser magra. Em busca disso, decidi emagrecer.... (UNIVERSA UOL, 2018)

Nasci na Itália e morei lá até os nove anos, depois, vim para o Brasil. Na época, fiquei menstruada e meu corpo mudou muito, mas o das minhas amigas não, pois isso ainda não tinha acontecido com elas. Então, eu não entendia o motivo de toda aquela mudança em meu corpo. Acho que foram muitas mudanças radicais que refletiram na minha relação com a comida. (G1 SANTOS, 2020)

A dieta restritiva e o conseqüente emagrecimento podem ter como conseqüência o não desenvolvimento de traços característicos do corpo de uma mulher adulta (Svenaesus, 2013; Fuchs, 2022); inclusive, um dos critérios para o diagnóstico do referido transtorno de acordo com o DSM IV é a interrupção da menstruação. Não que a anorexia nervosa seja essencialmente uma negação do ser adulto, mas, em muitos casos, permite certo distanciamento dos desafios da vida adulta (Fuchs, 2022), o que pode ser desejável para muitas garotas.

É importante que o profissional da saúde que a atenda não reitere o padrão de beleza magro e suas manifestações correspondentes. No entanto, é importante ter em vista que a anorexia não se reduz à reprodução desse padrão, desconstruí-lo não é o suficiente para o processo terapêutico. Nesse sentido, a psicoterapia tem muito a ganhar ao se abordar a relação com o próprio corpo como um dos sinais da passagem para a vida adulta.

Com isso, não se defende que a anorexia é alheia à processos culturais, por não dar tanto destaque aos padrões de beleza ocidentais. Não se trata de um fenômeno circunscrito a esfera privada da vida da adolescente. Uma leitura dessa ordem estaria em desacordo com a fenomenologia, pois a dimensão intersubjetiva (ou referente ao ser-com) dos fenômenos é um momento decisivo e necessário de sua constituição (Husserl, 2019, p. 111-162; Heidegger, 2012, p. 341-362). Tanto no que se refere aos padrões de beleza, quanto ao impacto “psíquico” das modificações corporais próprias à puberdade, fatores culturais são decisivos.

A constituição intersubjetiva dos gêneros em nossa cultura envolve uma série de injustiças, já que o “modelo” de ser humano é o homem, enquanto a mulher é pensada como derivação da forma masculina (Beavouir, 1980). Do mesmo modo, a sexualização do corpo é mais intensa em mulheres do que em homens, o que possibilita uma série de abusos. As transformações do corpo da mulher durante a adolescência possuem impactos “psíquicos” específicos na cultura ocidental, algo que não se observa, por exemplo, em meninas adolescentes de Samoa (Mead, 2015).

O controle buscado na anorexia não deve ser entendido apenas como a adequação do



corpo a um padrão estético determinado ou como sofrimento diante das transformações próprias da puberdade, mas também como o controle sobre o modo como os outros a percebem, o que reforça o papel da dimensão intersubjetiva (Esposito & Stanghellini, 2020; Fuchs, 2022). Ainda que se reconheça a importância do olhar do outro na constituição da anorexia nervosa, esse tema não será tratado em profundidade no presente trabalho, uma vez que nosso foco é a dimensão do cuidado.

## 6. O cuidado na anorexia nervosa

A adolescência se trata de uma fase da vida humana que, em nossa cultura, pode ser caracterizada por uma série de crises. No caso de mulheres, as mudanças no próprio corpo podem ser um mobilizador dessas crises.

Essas manifestações estão além do controle da menina. Ainda que não seja decisão da garota passar por essas transformações e viver em uma cultura com determinado entendimento do papel da mulher na sociedade, a experiência dessas transformações é inalienável para pessoa que a vive. Ela não escolheu ter um corpo com determinadas formas que se transformam durante a puberdade, nem que nossa cultura atribua certas roupas a serem usadas por mulheres a partir dessa idade, nem que outros homens ajam de maneira desrespeitosa ao sexualizar sua aparência. Nenhuma delas escolheu experienciar os sentimentos correspondentes a puberdade, no entanto, nenhuma delas pode fugir da responsabilidade de viver o que se vive, o que revela a constituição apriorística do cuidado. O fato de serem cada vez menos crianças torna isso mais explícito, pois a dimensão do cuidado fica menos encoberta em sua existência.

Dado o caráter inalienável de nossas experiências, como lidar com a passagem para a vida adulta? Na medida em que ocorre uma ruptura com o cotidiano e uma oportunidade de explicitação de nossa condição existencial, de que modo a adolescente lida com essa crise? Em muitos casos, através de dietas restritivas e de um exagerado emagrecimento.

## Considerações finais

A proposta do presente artigo é investigar a constituição do cuidado na existência de meninas adolescentes. Em *Ser e Tempo*, Heidegger afirma que a experiência da angústia é caracterizada por uma ruptura com o cotidiano e uma explicitação de nossa condição enquanto existentes; não se trata de uma mera constatação teórica, mas há uma mobilização afetiva. Nela, há uma explicitação do cuidado, uma vez que se fica claro que somos os únicos responsáveis plenos pela nossa existência.

No presente artigo, não se defende que a adolescência é caracterizada essencialmente pela experiência da angústia; mas, que é um momento propício para a ruptura com o cotidiano e para uma reflexão explícita da condição humana. Uma vez que, em nossa cultura, a



existência infantil é caracterizada pela tutela dos responsáveis, é comum não abordar com as crianças a respeito de determinados temas, desresponsabilizando-as. Conforme surge a adolescência, nosso corpo muda com a puberdade e esses temas costumam ser abordados mais abertamente, o que implica experiências novas estranhas ao mundo infantil.

No caso da adolescência feminina, há uma série de outras especificidades. Há mudanças no corpo da menina, o que implica no uso de novos itens, como o sutiã e o absorvente; do mesmo modo, haverá indivíduos que passarão a sexualizar esse novo corpo, muitas vezes, de maneira desrespeitosa. Não que não haja pessoas que sexualizem o corpo infantil, algo que infelizmente é bastante comum, mas o surgimento de mamas e o aumento do quadril faz com que muitos homens as olhem de modo diferente. Tratam-se de desafios novos que a menina adolescente passa a encarar.

Na anorexia em meninas, à medida que um novo corpo surge, ele se torna não habitual. Estranha-se a nova constituição do corpo e as mudanças constantes pela qual ele passa. Há uma alienação de determinados aspectos da *Leib*. A dieta restritiva e os exercícios físicos são meios encontrados para lidar com todas as dificuldades que caracterizam esse corpo estranho em transformação, visando um emagrecimento exarcebado.

Uma conclusão importante deste estudo é compreender a anorexia nervosa não apenas como uma tentativa de mimetizar um padrão de beleza normativo, mas também como uma expressão das dificuldades que caracterizam a transição para a vida adulta em meninas adolescentes. Afinal, o corpo de muitas meninas se torna tão magro que acaba em clara não correspondência com padrões de beleza. Em muitos casos, isso impede o desenvolvimento de características do corpo de uma mulher adulta, como pernas mais grossas, seios e a menstruação. Não se conclui que a anorexia nervosa é uma espécie de regressão a estágios mais infantis, mas sim um modo de cuidado autolesivo diante da passagem para a vida adulta. ●



## REFERÊNCIAS

American Psychological Association. (2014). **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-V (5a ed. rev.)**. Artmed Editora.

Ariès, P. (1986). **História social da criança e da família**. Guanabara.

Beauvoir, S. (1980). **O segundo Sexo: Fatos e Mitos**. Ed. Nova Fronteira.

Cunha, É. M. da N., & Dutra, E. M. do S. (2018). “Meu nome é Ana” - um estudo fenomenológico-existencial da experiência de mulheres com anorexia nervosa. **Revista da Abordagem Gestáltica**, 24(2), 182-193. Disponível em [[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672018000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200007&lng=pt&nrm=iso)]([http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-68672018000200007&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-68672018000200007&lng=pt&nrm=iso)). Acessado em 19 de julho de 2024. <https://doi.org/10.18065/RAG.2018v24n2.7>.

Del Castillo, M. (2019). **Cancún**. Companhia das Letras.

Esposito, C. M., & Stanghellini, G. (2020). The Pathogenic and Therapeutic Potential of the Gaze of the Other in the Clinic of “Eating Disorders”. **Psychopathology**, 53, 1–7. <https://doi.org/10.1159/000509625>

101  
●

Fuchs T. (2022). The disappearing body: anorexia as a conflict of embodiment. *Eating and weight disorders* : **EWD**, 27(1), 109–117. <https://doi.org/10.1007/s40519-021-01122-7>

G1. (2020, 3 de dezembro). Dentista relata guerra contra anorexia desde os nove anos: ‘Me aceito mais’. Recuperado de [<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/mais-saude/noticia/2020/12/03/dentista-relata-guerra-contr-a-anorexia-desde-os-nove-anos-me-aceito-mais.ghtml>](<https://g1.globo.com/sp/santos-regiao/mais-saude/noticia/2020/12/03/dentista-relata-guerra-contr-a-anorexia-desde-os-nove-anos-me-aceito-mais.ghtml>)

González-Macías, Laura, Romero, Martha, Rascón, María Luisa, & Caballero, Alejandro. (2013). Anorexia nervosa: experiencias familiares sobre el inicio del padecimiento, el tratamiento, la recaída y la remisión. **Salud mental**, 36(1), 33-39. Recuperado em 22 de março de 2023, de [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-33252013000100005&lng=pt&tlng=es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252013000100005&lng=pt&tlng=es).



Han-Pile, B. (2013). Freedom and the “Choice to Choose Oneself” in Being and Time. Em M. Wrathall, **The Cambridge companion to Heidegger’s Being and time**. Cambridge University Press.

Heidegger, M. (2012). **Ser e tempo**. Vozes.

Holzhey, K. (2021). **Verdade emocional: o conteúdo filosófico das experiências emocionais**. Via Verita.

Husserl, E. (2019). **Meditações cartesianas: Uma introdução à fenomenologia**. Edipro.

Käufner, S. (2013). Temporality as the Ontological Sense of Care. In M. A. Wrathall (Ed.), **The Cambridge Companion to Heidegger’s Being and Time** (pp. 338–359). chapter, Cambridge: Cambridge University Press.

Lima, Nádia Laguárdia de, Rosa, Carla de Oliveira Barbosa, & Rosa, José Francisco Vilela. (2012). Identificação de fatores de predisposição aos transtornos alimentares: anorexia e bulimia em adolescentes de Belo Horizonte, Minas Gerais. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, **12**(2), 360-378. Recuperado em 22 de março de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-428120120002000003&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-428120120002000003&lng=pt&tlng=pt).

Lispector, C. (2001). Amor. Em **Os cem melhores contos brasileiros do século** (p. 212–219). Objetiva.

**Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5** / [American Psychiatric Association ; tradução: Maria Inês Corrêa Nascimento ... et al.] ; revisão técnica: Aristides Volpato Cordioli ... [et al.]. – 5. ed. – Porto Alegre: Artmed, 2014.

Mead, Margaret (2015). A adolescência em Samoa. Em Benedict, Ruth, Mead, Margaret & Sapiro, Edward (org), **Cultura e personalidade**. (pp 17-65). Rio de Janeiro: Zahar.

Oliveira, Leticia Langlois, & Hutz, Cláudio Simon. (2008). Padrões de interação em famílias de adolescentes com anorexia nervosa restritiva e bulímica: semelhanças e diferenças. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, **8**(3) Recuperado em 22 de março de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812008000300012&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812008000300012&lng=pt&tlng=pt).

Refosco, Lísia da Luz, & Macedo, Mônica Medeiros Kother. (2010). Anorexia e bulimia na adolescência: expressão do mal-estar na contemporaneidade. **Barbaroi**, (33), 65-81. Recuperado em 22 de março de 2023, de [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-65782010000200005&lng=pt&tlng=pt](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782010000200005&lng=pt&tlng=pt).

Reis, Robson dos Ramos (2022). **Câncer infantil, sofrimento e transformação: um ensaio fenomenológico**. Rio de Janeiro: Via Verita.

Ricoeur, Paul. (2004). Edmund Husserl - A Quinta Meditação Cartesiana. **Phainomenon (9)**, 245-270.

Saucedo-Molina, Teresita de Jesús, & Unikel Santoncini, Claudia. (2010). Conductas alimentarias de riesgo, interiorización del ideal estético de delgadez e índice de masa corporal en estudiantes hidalguenses de preparatoria y licenciatura de una institución privada. **Salud mental**, **33**(1), 11-19. Recuperado em 22 de março de 2023, de [http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0185-33252010000100002&lng=pt&tlng=es](http://www.scielo.org.mx/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0185-33252010000100002&lng=pt&tlng=es).

Svenaesus, F. (2000). The body uncanny—Further steps towards a phenomenology of illness. **Medicine, Health Care and Philosophy**, **3**(2), 125–137. <https://doi.org/10.1023/A:1009920011164>

UOL Universa. (2018, 4 de outubro). Com anorexia, ela chegou a pesar 29 kg, se recuperou e hoje é nutricionista. Recuperado de [<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/10/04/com-anorexia-ela-chegou-a- pesar-29-kg-se-recuperou-e-hoje-e-nutricionista.htm>](<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/10/04/com-anorexia-ela-chegou-a- pesar-29-kg-se-recuperou-e-hoje-e-nutricionista.htm>)

Vega, Verónica C., Roitman, Denise, & Barrionuevo, José A.. (2011). Influencias del apego a la madre en el vínculo con los pares en la adolescencia: Diferencias entre una muestra femenina clínica y no clínica. **Anuario de investigaciones**, **18**, 381-388. Recuperado em 22 de março de 2023, de [http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1851-16862011000100042&lng=pt&tlng=es](http://www.scielo.org.ar/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1851-16862011000100042&lng=pt&tlng=es).

